

Stadium

N.º 160 * 27 DE DEZEMBRO DE 1945 * PREÇO 1\$50



Mate, guarda-redes do Boavista, acabou o jogo nitidamente extenuado. Estando permanentemente em acção, realizou defesas magnificas. Ei-lo, num lanço por alto, todo lançado no ar. Mas a bola rolou mais depressa do que elle calculava, não o batendo por acaso. Um dos defesas do Boavista olha aterrado para a bola: Entrará? — Eis a pergunta que se lê no seu olhar!

Excelente! Elvas, com 3 vitórias, à cabeça

Os Grandes Clubes encontram cada vez maior resistência — O duelo Lisboa-Província mantêm-se sem tréguas!

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

A terceira jornada ficou incompleta. O desafio Pôrto-Atlético, um dos mais importantes do domingo, não se disputou devido ao mau tempo. Não admira que tal tenha acontecido. Pelo contrário, é simplesmente de admirar que se tenham disputado cinco encontros!

Por enquanto — a grande competição prossegue no mesmo ritmo, e o panorama do primeiro dia é o do terceiro.

A Província mobiliza todas as suas forças para dar combate sério a Lisboa, e tem-no conseguido. Os Grandes Clubes vêem-se na obrigação de observar cuidadosamente todas as deslocações, mesmo aquelas em que interveem os concorrentes mais fracos.

Em Lisboa nada se passou de notável. As duas últimas, respectivamente, do Pôrto e Oliveira de Azeméis, tiveram um comportamento simpático. Em Coimbra, o Benfica prosseguiu na senda dos empates, e o resultado foi arrancado pela gente de Benfica à força de energia. Em Olhão, um percalço facilitou o vitória do clube local, que dificilmente deixaria escapar o triunfo. Em Elvas, o titular conquistou a terceira vitória, acumulando forças morais e ainda de ordem técnica.

Boavista, uma esperança de amanhã

O Belenenses venceu o Boavista nas Salésias. Evidentemente, o grupo nortenho estava condenado — antes de soar o apito do começo. Porque, a junção da diferença de categoria e desnível de méritos, havia ainda as condições de terreno. O piso das Salésias, descoberto de relva em vários sítios, apresentava-se enlameado e barrento. Assim, os jogadores multiplicaram as forças, não só para chutar, como para conduzir a bola e para realizar o passe. Como os grupos insistiram em baixar o jogo, fazendo a bola rolar no terreno, principalmente o Boavista, justificou-se o maior desgaste muscular verificado.

O Boavista não nos deixou má impressão. É o que pode considerar-se um grupo agradável, com noção do jogo de conjunto, que se vê sem enfado. Mas os seus componentes são rapazes que podem ser amanhã excelentes figuras, não passando hoje de esperanças. Além de tudo, trata-se de jogadores que pretendem construir os lances mercê de habilidade, e para esta espécie o estado do terreno representava um inimigo implacável. O campo, tal como se encontrava, auxilia os

jogadores hercúleos, à base da energia, batendo a bola forte e feio.

O sportlenses foram, mesmo, azevitados. Enquanto na boa medida de força, e eles terminaram o encontro estofados, apouquentaram algumas vezes os rédes belenenses e a defesa lisboeta entrou em acção. Mas na generalidade da partida, os visitantes procuraram ligar o jogo. Eis, porventura, a sua melhor qualidade. Foram, de resto, os primeiros a mar-

meno no jogo rendilhado, ressentiu-se da lama porque, apesar de tudo, o desenvolvimento do seu futebol require a prisão de bola e o seu domínio durante parcelas relativamente longas de tempo.

Resta afirmar que a arbitragem se descontrolou um pouco, na segunda parte, tendo sido as decisões, nessa altura, como geralmente se cede, prejudiciais ao clube de menos projecção. Foi também muito



car, num deslize de Capela. Os lisboetas, pelo contrário, empataram tarde, só encontrando o caminho das rédes na segunda parte, e ainda sob a luz da arbitragem.

Gostámos de ver o Belenenses adaptar-se tão perfeitamente às condições do terreno. Não levantando demasiadamente a bola, os jogadores passaram-na a meia altura, utilizando uma vez por outra o chute com o bico da bola.

A sua defesa continua a impressionar — dominando e varrendo o campo. Em dias como o de domingo terá, incontestavelmente, vantagem sobre qualquer linha avançada portuguesa. Nada lhe falta para interessar: nem jogosidade, nem força, nem colocação. A única possibilidade de a bater é embrulhá-la nos desenhos rasteiros, e tal é quasi impossível nos lameios.

Já a linha média não atingiu nível alto, tendo sido o esquerdo o melhor dos três elementos medulares. Talvez pelo ambiente favorecer as suas características de jogador — sem finuras. Mas a linha avançada, vista em conjunto, adaptou-se excelentemente às condições do campo. Em certo momento, vendo a dificuldade de remate cerca das rédes, começou a dispersar de longe, rematando Queresma, esse extraordinário jogador, de mais de vinte metros, dentro dos melhores preceitos técnicos, a bola do empate. O outro interior, o fenó-

notada a circunstância dos rapazes do Boavista não conhecerem a existência de livres indirectos, que podem ser marcados dentro da área perigosa, e não saberem colocar-se devidamente, nessa emergência, resultando umas das bolas da sua referida ignorância.

Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Elói, Armando, Queresma e Rafael.

Boavista: Mota, Vinagre, Francisco, Raimundo, Serafim, Chaves, Zeca, Armando, Biri, Caiado e Gonçalves.

Arbitro: Everisto Santos, de Setúbal.

O saber de experiências custa muito caro!

O desafio do Lumiar não era de molde a interessar grandemente. Esperava-se que o Sporting apresentasse o jogo fácil para aperfeiçoar o seu conjunto — que bem precisa de rectificação. Tal não se viu — porém. A linha avançada dos leões, que insiste no mau jogo com uma persistência que começa a causar apreensões, voltou a estar numa tarde de confusão, sem entendimento nem ligação. Épocas atrás, com uma forte dianteira, o problema do Sporting era de natureza defensiva. Agora, transformou-se. Parece-nos que o caso resulta de ser muito difícil mudar de rumo:

todos os homens jogam para Peyroleo, que, anualmente, era uma cunha melida na defesa adversária, tornando-se presentemente instante mudar de processo. Mas os jogadores não se acostumam com facilidade à mudança de tática, sendo necessário encaminhá-los com inteligência e acerto.

Por outro lado — nem todos os jogadores conseguem adaptar-se às condições más do terreno, e tal verifica-se principalmente nos jogadores de fraca categoria, embora afectando também os de bom nível. Ao que parece, Octávio Barrosa, que é um jogador atlético, sobressaiu de entre todos pela sua excelente adaptação, batendo muito bem a bola e passando mesmo na boa medida. Também Veríssimo fez magnífica exibição, não precedendo a bola e dando rapidamente seguimento aos lances.

É claro que a má exibição do Sporting não teve conseqüências junestas. Nem podia tê-las. O Oliveirense, resistindo com garbo de luta no que se refere a energia, encontrava-se em plano de vitória. Por outro lado, os rapazes de Oliveira de Azeméis dificilmente poderiam resistir mais, em vista das condições do lumiar. O campo exerceu uma tarefa de desgaste físico muito pesada. O Oliveirense tem muito que aprender, e o saber feito de experiências custa caro.

Sporting: Azevedo, Barrosa, Cardoso, Juvenal, Veríssimo, Manuel Marques, António Marques, Cordelro, Peyroleo, Albano e João Cruz.

Oliveirense: Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, Adelino, Eurico, Domingos, Tavares, Santos, Alípio e Armando. Arbitro: J. Oceano Matias, de Setúbal.

Académica progride! Um Benfica melhor!

Em Coimbra, no enlameado campo do lusitânia, disputou-se uma grande e bela partida de futebol, talvez o melhor encontro da jornada. Por certo o de maior equilíbrio, e aquele em que o desafio atingiu cravella alta.

Tem-se já a certeza que o grupo da Académica entrou no ritmo de velocidade e movimentação a que esta competição obriga. Todo o conjunto pratica um futebol consistente, que resulta de aptidão dos seus componentes, e em toda a relação movimento. Possivelmente, o andamento benfiquense foi mais vivo, mas não há dúvida que os estudantes se adaptaram às circunstâncias. O team revelou sentido de ataque, tendo várias oportunidades de triunfo.

Adriano Pelxoto, que é um crítico que sabe ver o jogo, diz-nos porque não venceu a Académica: não ganhou por não ter no centro do ataque um jogador capaz de dar seqüência às oportunidades criadas pela precisão dos cantos de Ângelo e pelos passos de Bentes.

Realmente, deduz-se do descritivo dos encontros que os extremos foram os jogadores mais úteis, e ainda mais em evidência, no grupo colmibrão, conduzindo, bem e rapidamente, todo o jogo que lhe foi confiado, e rematando por vezes com perigo.

O Benfica actuou com altos e baixos. Em certas oportunidades, com brilho, esquemas desenvolvidos vertiginosamente e com arte de deslocação. Arsénio destacou-se como o elemento mais perigoso no ataque. Outras, mais apagado. A defesa suportou bem o

Os arbitros não compareceram

mas os jogos decorreram em perfeita ordem e disciplina

A primeira jornada do campeonato de Lisboa incluiu cinco jogos de primeira e um de segunda categoria, todos decorrendo na mais perfeita ordem e completa disciplina; o acontecimento não passaria da normalidade — embora de uma normalidade que nem sempre se verifica — se não houvesse sucedido certa circunstância invulgar: os árbitros oficialmente designados não compareceram a dirigir os encontros respectivos, porque estão amados, para não designar por outro nome uma manifestação colectiva que poderia acarretar severas sanções disciplinares.

O conflito, se assim se lhe pode chamar, pois não quisemos averiguar, por motivos especiais, os fundamentos da atitude dos árbitros, que noutras ocasiões tantos serviços têm prestado ao andebol lisboeta.

Segundo nos consta, o problema enuncia-se com os seguintes dados: a Associação, levando em conta antigas e aceitáveis reivindicações dos seus árbitros, resolveu retribuir-lhes os serviços, ou, melhor, indemnizá-los de despesas e incómodos, pois não se pode chamar retribuição à escassa verba atribuída.

Como, porém, o pagamento aos árbitros ficou atribuído apenas a título voluntário aos clubes proprietários dos campos, a solução não satisfaz os interessados, que, em sinal de protesto, resolveram não comparecer no domingo.

Não podemos de maneira alguma admitir sem censura este procedimento dos árbitros de andebol; se a modalidade tivesse receitas ordinárias, jogos de campeonato com entradas pagas,

admitir-se-ia como legítimo o desejo dos juizes de campo de serem colaboradores pagos.

Era até uma boa forma de se lhes poder exigir trabalho consciencioso e estado das leis.

O andebol vive, contudo, em Lisboa, em regimen de sacrifício dos clubes, que gastam e não recolhem, de miséria da Associação, que se mantém pelos sacrifícios dos seus dirigentes; logo, os árbitros não devem destoar do regime geral.

O problema, no final das contas, é de facilíssima solução: o regulamento determina que os clubes concorrentes são obrigados a apresentar um árbitro por categoria, sob pena de eliminação. Campra-se o regulamento, considerando afastados os senhores árbitros que voltem a mostrar-se amados e intimidando os clubes a indicar outros, dispostos a desempenhar a sua missão.

Os resultados desta jornada de abertura podem considerar-se normais, pois corresponderam ao que se previa; apenas surpreende um tanto a copiosa derrota do Atlético ante o Sporting, onde Vicente teve naspiçosa estrema, e o fácil êxito do «Caf» sobre «Os Treze», cuja equipa apresenta nas rédeas um trãnsfuga do futebol, Acácio, que teve exibição de muito merecimento.

Benfica, Belenenses e Internacional foram os vencedores dos outros encontros e não devemos esquecer que no campeonato deste ano todas as vitórias são preciosas, pois, além do interesse de apuramento do campeão, importa também conquistar um dos cinco lugares seguintes para manter na época próxima o lugar na 1.ª Divisão.

José de Eça

BASQUETEBOL

Lisgás venceu Atlético

O basquetebol, neste campeonato de Lisboa, ainda não havia oferecido um resultado-surpresa. Pois isso aconteceu há dias: o Atlético, que seguia na vanguarda da classificação com 3 pontos de vantagem, deixou-se derrotar pelo Lisgás por 38-30!

Os vencedores dos alcantarenses, bastante atrasados na classificação, conseguiram assim uma autentica proeza, tendo-se agora aproximado dos cufistas. A vitória do Lisgás beneficiou o Benfica e o Belenenses, ambos com 15 pontos, e apenas a 1 ponto do grupo da vanguarda.

Na mesma jornada, o Grupo Desportivo da «Cuf» também se viu em embaraços perante o Carnide, que apenas perdeu por 34-30.

Assim, a uma jornada do fim da primeira volta, as classificações são as seguintes: Atlético, 16 pontos; Belenenses e Benfica, 15

pontos; G. D. da «Cuf», 18 pontos; Lisgás, 12 pontos; Algés e Dafundo, 11 pontos; Carnide, 8 pontos; Rio Sêco, 6 pontos.

A qualidade do jogo, nos últimos encontros, não tem agradado ao público adepto. O desafio Lisgás-Atlético, então, surpreendeu pela maneira desastrada como se exibiram os rapazes de Alcântara. Não pode esquecer-se, entretanto, que o Lisgás manteve autoridade no principio da primeira parte e no fim do encontro. A sua vitória não deixa por isso de ser justa.

No segundo desafio também não pôde produzir-se basquete de bom quilate. Os cufistas jogaram mais que o seu adversário, mas nem um nem outro se exibiram como grupos de uma Divisão de Honra.

O público é que continua fiel à modalidade. Tem comparecido em grande número e sempre com o mesmo entusiasmo. De lamentar, apenas, que os grupos nem sempre correspondam ao seu interesse.



TRIVÁREZ

impeto académico — que viu ao seu alcance a primeira vitória. Gaspar, o melhor dos defesas, foi em várias ocasiões batido pela velocidade do adversário.

Para a boa coordenação do jogo lisboeta contribuiu, mais uma vez, a figura de Moreira. E não deverá esquecer-se, no balanço da partida, que o Benfica, estando a perder por 2-0, conseguiu transformar o resultado em 3-2, aceitando depois o empate como mal menor. Ora, isto, após o vendaval que tem passado pelo grupo benfiquense, só conseguem um clube e um grupo com personalidade.

Académica: Jaques, Albino, Mário Reis, Lomba, Carlos Silva, António Maria, Ângelo, Azeredo, Gil, Leite e Bentes.

Benfica: Martins, Gaspar Pinto, Fernandes, Jacinto, Moreira, Jordão, Mário Rul, Arsénio, José da Luz, Teixeira e Rogério. Árbitro: Correia da Costa, do Porto.

Características do jogo de Olhão: ataque dos algarvios.

Como primeira impressão, deve afirmar-se que o Vitória de Setúbal arrancou magnífico resultado no estádio Padinha. Outros dirão que tanto faz perder por uma ou duas bolas, como por grandes desníveis! Praticamente, é certo, o resultado é idêntico. Já não se pode afirmar o mesmo no aspecto técnico e de confronto dos concorrentes. A verdade, no entanto, é que o Vitória, com dez unidades, visto Baptista ter saído do campo devido a queda infeliz e desastrosa, não podia ter outras pretensões do que defender-se o melhor possível. E defender-se excelentemente, com unhas e garras, vendendo cara e derrota.

O desafio teve o carácter que necessariamente deveria ter: ataque continuado e persistente dos algarvios, e defesa cerrada dos setubalenses, brilhando Pereira, o defesaguarda-rédes, aquele que atreiu os atencões gerais.

Qual a razão, visto domínio tão intenso, que fundamenta o magro resultado a favor do Olhanense? — Acentuada falta de remate. Isso diz-nos que os atacantes algarvios não têm remate muito forte, ainda que de fácil execução. Porque a verdade é só uma: obrigados como foram, por causa do cerrar de fileiras do adversário, a alisar as balizas de longe, os dianteiros do Algarve não conseguiram bater o improvisado porteiro. A tarefa foi bem difícil...

Assim, em noventa minutos de jogo mereceram os algarvios duas bolas, entre os 15 e 20 minutos, e ficaram-se por aí...

Olhanense: Duarte, Rodrigues, Nunes, Santos, Grazina, Loulé, Mo-

reira, João da Palma, Cabilto, Salvador e Palmeiro.

Vitória de Setúbal: Baptista, Pereira, Armando, Pacheco, Pina, Figueiredo, Campos, Nunes, Rodrigues, Rendas, e Cardoso Pereira. Árbitro: Ribeiro Sanches, de Lisboa.

Um desafio de duas caras

O encontro que se disputou em Elvas comporta duas fases: uma feição de domínio dos visitantes (Vitória de Guimarães), que corresponde ao primeiro tempo da luta; e um aspecto de domínio do Elvas, tódia a segunda parte. O intervalo, coisa curiosa, separou dois tempos ldo diversos em jogo e domínio territorial.

A primeira parte terminou com o resultado de 2-1 favorável ao grupo de Guimarães. Depois, a reacção dos elvenses pode classificar-se de notável, e o grupo arrencou com alegria uma vitória que, por duvidosa, chegou a ter grandeza e emoção.

O Vitória de Guimarães está um grupo feilo. Tem sentido técnico e consciência do que realiza. Quere dizer, toada de futebol certa e segura, não se dando ao jogo de ataque ou de improviso. Quando na ofensiva, desenvolveu movimentos rápidos e que embulharam a defesa contrária, pondo à prova a insistência dos backs de Elvas. Ainda a destreza de alguns dos componentes de sua linha dianteira, que, de resto, já sobemos habilidosos. Na altura em que o encontro deu a volta, ainda o Vitória de Guimarães se defendeu com sangue-frio, não perdendo a homogeneidade de grupo ligada nas diferentes células que o compõem.

O Sport Lisboa e Elvas, na mecânica defensiva, não se comportou ldo muito bem. Esteve em apuros mais do que aquilo que seria lícito esperar, e tal deve-se, pelo que deduzimos, à deficiência da colaboração entre defesas e médios. O grupo quebrou um tanto ou quanto pela linha modular, no primeiro tempo. Todavia, quando ao ataque, isto é, quando o team regressou à vida, o onze de Elvas realizou exibição primorosa no ponto de vista de conjunto. Em semelhante alteração influíu a melhoria da linha média, e ainda a tarefa desenvolvida pelo interior-direito e pelo avançado-centro, este um jogador que começa e tornar-se notado.

Elvas: Semedo, Santos, Fernandes, Alcobia, Rana, Ameixa, Moraes, Messeno, Patolino, Aleixo e Quim.

Guimarães: Mochoado, Garcia, João, Luciano, Curedo, José Maria, Franklim, Miguel, Brioso, Alcino e Arljndo.

Árbitro: Santos Marques, de Lisboa.

Eis João da Cruz!

JOGA HA' 16 ANOS E DA' AGORA
A SUA PRIMEIRA ENTREVISTA...



JOÃO CRUZ, eis um elemento de nome feito no futebol nacional. Devemo-lo, mesmo, considerar como um dos nossos mais habilidosos jogadores — um produto do futebol setubalense, nascido entre os grandes que formaram o grupo dos que melhor eram na técnica e no saber jogar a bola. Deu pontapés, menino e moço, no Vitória de Setúbal, e de lá veio para o Sporting. Até hoje, dezasseis anos de jôgo, os dez últimos envergando, com o prazer do mesmo dia, a camisola verde-branca dos deões. Ainda no Porto, contra o Boavista, foi o n.º 1 da linha avançada!

Natural de Elvas. Muito galato, levaram-no para Setúbal. Ali se desenvolveu, aparecendo no campo do Vitória a dar pontapés na bola, com 12 anos de idade! Foi um tio, adepto e entusiasta do campeão setubalense, que chamou a atenção para o jeito do rapaz. O pai do João bem se opôs, com o chamado argmento paternal: o galato precisava de estudar e não de jogar à bola. Mas isso sim. Qual escola! Qual estudo! Ar livre e o jôgo era a ambição do rapaz. Fez-se homem, é certo, mas o futebol acompanhou sempre o seu desenvolvimento físico e intelectual. Assim, tinha João Cruz 14 anos, alinhava no team de honra do Vitória de Setúbal, domingo a domingo, lado a lado com Artur Augusto e Anibal José, Francisco Silva, Cambalacho... Bons tempos!

Pois este jogador, seleccionado para os nossos melhores jogos internacionais, com uma vida activa no team de honra do Sporting, com o seu nome nas crónicas e nas reportagens, nunca concedeu uma entrevista a jornais! Somos nós que, quando o João Cruz já fazia figura no futebol do nosso país ainda alinhávamos nos grupos escolares, que vamos buscar-lhe a sua primeira entrevista. O que isto representa!

João da Cruz — dezasseis anos de jogador de futebol, milhares de pontapés na bola e centenas de goals bem marcados — apra as perguntas com desenvoltura.

— Como veio parar ao Sporting?

— Sempre gostei do clube. Seguiu com atenção a vida dos deões. Quando me apareceram em Setúbal Alfredo de Sousa e Dias Filipe com a proposta, não existiu um só momento. Rejubilei. Dois dias depois, estava no Sporting. Passava-se isto a 10 de Junho de 1936. Tinha já alinhado no jôgo das selecções Norte-Sul e havia sido suplente no Portugal-Austria.

Um jogador com dezasseis anos de actividade tem por certo a recordação de um momento feliz e outro desagradável no futebol. Vejamos...

— O meu jôgo com a Hungria e um inesquecível Sporting-Belenenses, final de um campeonato de Lisboa cujo resultado dava, a um ou a outro, o título de campeão. Ganhámos por 3-0 e os três tentos foram meus.

O momento mais desagradável da minha carreira foi aquele jôgo com a Suíça, em Milão, em que falhei um penalty, não esquecendo um jôgo contra o Benfica em que me acusaram de ter recebido dinheiro dos encarnados para não jogar. Foi o grande desgosto da minha vida de jogador!

— Sente-se ainda em forma?

— Absolutamente. Sinto-me muito bem, e em pleno recurso das minhas possibilidades de jogador. E ainda espero jogar muito tempo. Considero-me muito novo para abandonar o futebol.

— Mas V. passou ao grupo reserva?



João da Cruz, à sua banca de trabalho, no organismo de que é funcionário exemplar!



Na taça de Portugal, em 1948, um perigoso lance desenvolvido pelo excelente extremo-esquerdo do Sporting

— Um abalxamento de forma, segundo concluíram.

— V. concordou com essa decisão?

— Talvez que, cá fora, se veja mais do que eu, lá dentro do terreno. O certo é que voltei ao primeiro team. Sinto-me à vontade, e a crítica disse que eu tinha vindo novinho em folha, da prateleira.

— Ainda tem alguma aspiração?

— Ser outra vez seleccionado para o grupo nacional.

— Ao que se diz, V. tem medo?

— Nada disso. Fiz parte de um grupo em que se jogava rijo, com campeonatos disputados com dureza, e nunca me disseram que eu tinha medo. Simplesmente, evito o choque prejudicial.

— Qual foi o melhor team do Sporting?

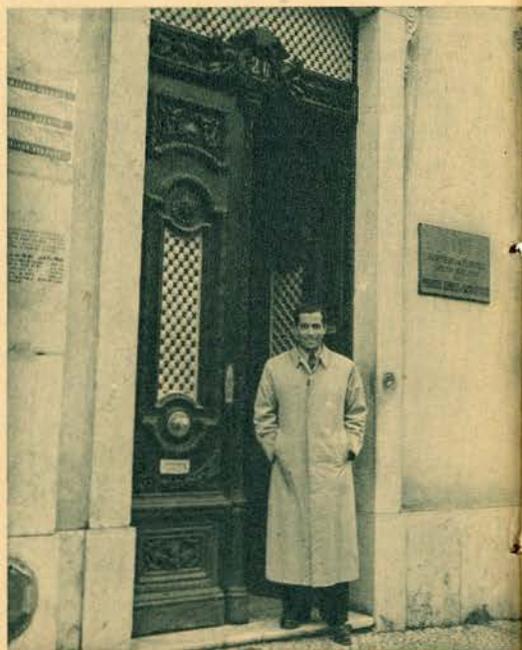
— Aquele que conquistou 19 vitórias seguidas, na época de 1939, salvo erro. Disfrutávamos então de uma situação privilegiada. Chegámos a ter oito jogadores internacionais para a linha avançada!

— Os jogadores de mais categoria, em sua opinião?

— No Sporting aprecio todos igualmente. Dos antigos, citarei Armando Martins, Pinga, Augusto Silva e Mourão.

(Continua na pág. 15)

FERNANDO SÁ



Depois de um dia de trabalho, João da Cruz, que tem uma vida regular, regressa a casa

ESTAS FOTOGRAFIAS recordam-lhe alguma coisa? Vê-a bem. Talvez...



A não, recorda-nos um mundo de coisas! Este grupo português que venceu o misto inglês no Campo Pequeno, nos tempos distantes de 1889, faz-nos percorrer mentalmente toda a evolução do futebol português. Como se vê pela estampa junta, em que os jogadores se chamavam João Saldanha Pinto Bastos, João Bragaro, Eduardo Romero, Guilherme Pinto Bastos, Eduardo Ferrelra Pinto Bastos, Afonso Vilar, Dr. Simão de Sousa Coutinho (Borba), Dr. Duarte Pinto Coelho, Frederico e Fernando Pinto Bastos, Moller e Henrique Vilar, o futebol começou a ser praticado por gente da melhor sociedade portuguesa. Depressa se popularizou, porém. Hoje está no apogeu. Não há recanto no país, por mais escondido, onde o «virus» não se tenha infiltrado. Como se desenvolveu também a organização!



Como José Simões faz falta no futebol português! O seu desaparecimento deixou uma lacuna que não se preencheu ainda. Defesa brilhante, de bons pés, rápida como o vento, nunca um defesa português marcou tão bem o extremo como o saudoso «back» do Belenenses. Precisamente, agora, há excelentes defesas, quasi todos a jogar em frente das balizas. É um problema que o Seleccionador Nacional por certo tem em mente. Assim, a figura do inextinguível José Simões como que ganha maiores proporções em nossa recordação.



Lembra-nos a carreira brilhantíssima e inesquecível de Manuel Dias, o grande atleta do Benfica! El-lo, ao vencer uma prova de corte-mão popular em 1933. O atletismo português atravessa uma fase de florescência, mas um homem da classe de Manuel Dias, se agora surgisse, seria, possivelmente, um atleta mundialmente conhecido.



Que Portugal foi sempre um país de grandes defesas! Os mais frequentemente cotados são António Pinho, Jorge Vieira e Carlos Alves. Mas houve muitos outros de grande valor. Durante certas épocas, o futebol contou com o concurso destes dois rapazes, Avelino Martins e João Jarado, o primeiro alinhando no Pórtico e o segundo no Sporting. Eram defesas sólidas, rijas como aço, e necessários num tempo em que o futebol não tinha punhos de renda...



A grande fase do ciclismo português, com Nicolau e Trindade, o Benfica e o Sporting, numa rivalidade sempre correcta e desportiva, e a «Volta a Portugal» efectuando-se regularmente! Entre os anos de 1930-35, por essa estrada fora, quando no pedalar da «Volta», o emocionante e bela competição do nosso ciclismo, não se ouvia mais do que dois gritos: Nicolau! Trindade! Benfica! Sporting! Esta fotografia que publicamos foi tirada um pouco antes de começar uma «Volta a Portugal». É certo que novos valores surgiram no nosso ciclismo nacional de progresso certo e bem orientado. Todavia, jamais a chama do entusiasmo subiu tão alto. Nicolau e Trindade arastaram para o ciclismo a rivalidade dos dois grandes clubes portugueses. Eis a seu éxito, e também a razão da sua enorme popularidade.

A propósito da técnica dos estradistas portugueses

Os comentários publicados nos últimos números da «Stadium» acerca da actividade velocipedica na época de 1945 provocaram, ao que parece, certa reacção nos meios afectos ao ciclismo. Pretendem-se «ler nas entrelinhas», e por isso houve quem tentasse deturpar os factos, dando às nossas considerações um sentido de que jamais as pensámos apenas os nomes dos corredores dum só clube, como necessitados de rectificar as suas posições sobre as bicicletas, o firme propósito — que seria descabido — de diminuir a competência do seu orientador técnico, o nosso velho amigo Alfredo Luis da Piedade. Não se

de guiador algo curto. Correa toda a temporada assim montado, mas dois dias depois de ler o nosso artigo mudava de espigão...

Não são de agora estas brancas reacções, como também não constitui novidade o pouco aproveitamento que a maioria dos corredores terá do convívio com as pessoas competentes que se dispõem a cuidar do seu aperfeiçoamento técnico.

E' para evitar semelhante indiferença pelos conselhos que lhe são ministrados que nós insistimos em observar sempre, quando os notamos, os defeitos e a insuficiência técnica dos nossos estadistas.

Decerto porque noutras épocas ninguém se preocupava com tais pormenores, é que a maio-

ria dos corredores portugueses que tiveram nomeada, principiaram e acabaram a sua carreira actuando sempre com acentuadas deficiências, isto apesar de terem já, a ensiná-los, os mesmos treinadores que conseguem hoje fazer campeões de estilo perfeito.

E a culpa não vinha de quem os ensinava, porque a paciência era a mesma e a competência igualava-se.

Nicolau, César Luis, Guilherme de Almeida, Filipe de Melo, Dias Maia, Antunes Pernas e muitos outros correram sob a orientação de Piedade, que deles cuidava com o mesmo carinho com que actualmente dirige Eduardo Lopes, Jorge Pereira e já dirigiu Alberto Raposo, José Martins e João Rebêlo. Os primeiros — gente de elevado valor atlético — foram sempre pouco elegantes sobre as máquinas. Os segundos, quando seguem à risca os conselhos do mestre, podem servir de modelo entre nós, e até a muitos corredores estrangeiros.

São argumentos concludentes do que afirmamos as fotos que junto se vêem. Nama, um grupo de estadistas que foram «algém» no ciclismo português, mas que, à excepção de Aguiar Martins, no final da sua carreira, pouco se preocuparam em corrigir o estilo. Assim, surgem-nos nama prova de 1934 montando com os braços quasi a prumo sobre um guiador larguissimo e fixado bastante alto; com os pés assentes em bico sobre os pedais, cotovelos lançados exageradamente para o exterior e o tronco numa posição que allige, mas que infelizmente ainda se nota em muitos estradistas. Era essa, e ainda hoje é para muitos, a maneira de



A posição de João Lourenço é harmoniosa — apesar de sua desproporcional altura de pernas

correr de homens de acentuado valor atlético.

Mas nas outras fotos mostra-se até que ponto de perfeição podem chegar os corredores meticolosos, obedientes como o são Eduardo Lopes, João e Lourenço, que os igualam.

No sportingista, apesar da sua desproporcional altura de pernas — facto que por acaso também desleia muito a posição de Aristides Martins — no campeão regional todo é harmonioso. Braços com curvatura normal. Tronco bem dobrado pelos rins, em ângulo que oferece pouca resistência à deslocação do ar, e pernas com uma perpendicular bastante correcta, não obstante usar, em resolução que contraria tudo quanto até hoje está determinado para homens tão altos, uns crenques de 165 milímetros.

No corredor da Iluminante, atleta de tronco comprido, a curvatura é ainda mais acentuada e os punhos estão por isso mais baixos. Posição bastante aerodinâmica, genero Richard — o homem que já foi «recordman» da hora — compensada com a fixação do selim, algo recuada, mas sem exagero, para não prejudicar o esforço nas subidas... Flexão do artelho pronunciada e feita antes da ascensão da perna, com o fim de tornar a pedalada «souple», e descontração quasi total dos músculos da coxa, a evitar fadigas desnecessárias.

Para chegarem a tamanho grau de perfeição, Lopes e Lourenço — que não são únicos, lixe-se — muitos conselhos ouviram e muito tiveram de estudar.

Gil Moreira

Ano IV — II Série — N.º 160
Lisboa, 26 de Dezembro de 1946



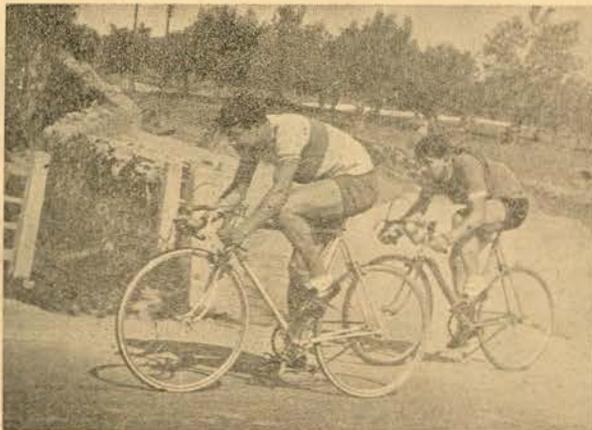
Um grupo de estradistas que foram «algém» no ciclismo português, mas que, à excepção de Aguiar Martins no final da sua carreira, pouco se preocuparam em corrigir o estilo

reparou, todavia, que a maioria dos defeitos apontados existem por culpa dos próprios corredores e não pela falta de interesse do seu orientador.

E' certo que a critica não interessa saber, como elemento primacial para a sua análise, quais a razão dos factos, em si. E na presente circunstância, apontamos muito naturalmente uns tantos casos que mais nos feriram a retina, apresentando-os como um exemplo, sem contudo affirmarmos que seriam os únicos.

Entre nós, por comodismo, por impossibilidade ou por qualquer outro motivo, os corredores, na maioria, não atendem naquilo que lhes observam as pessoas que os orientam, mas reagem de pronto quando a critica lhes aponta qualquer defeito.

No presente caso, por exemplo, havia um estradista que sabia — porque mestre Piedade já lho havia dito — que tinha um quadro pequeno e um espigão



O corredor Eduardo Lopes adopta uma posição perfeita e em conformidade com as suas qualidades físicas



Há resposta para tudo...

P. 252 — Lembra-se de Francisco Vieira, do Benfica. Não era um guarda-rédes tão bom como os de hoje? Foi internacional? (De «Amigo da Nazaré».)

R. 252 — Perfeitamente. Excelente guarda-rédes do Benfica. Tinha classe. Internacional de melhor gama.

P. 253 — Elói, do Belenenses, vai à Seleção Nacional? (De Macedo, de Murto).

R. 253 — Já perguntámos ao Seleccionador. Ele diz que também não sabe, por enquanto...

P. 254 — O Oliveirense poderá jogar no seu campo? (De um Oliveirense aferrado).

R. 254 — Porque não? Tem esse direito. Basta dar ao campo as seguintes dimensões mínimas exigidas pela Federação: 100 metros por 64. E determinadas condições para público e jogadores, é claro.

P. 255 — Para tirar uma teima, diga-me se um jogador que está ao lado da defesa e só tem na frente o guarda-rédes está «ofside»? (Um estudioso, Ferreira do Alentejo).

R. 255 — Sim, senhor. Está deslocado.

P. 256 — O Boavista já ganhou algum campeonato de futebol do Porto? (Um tripeiro).

R. 256 — Logo na primeira vez que o campeonato se disputou, em 1913-14.

Os brasileiros em Portugal

NÃO sabemos o fundamento da notícia. Respigamo-la de um jornal brasileiro. Segundo o referido periódico, o Vasco da Gama, grande clube do Rio de Janeiro, e «A Portuguesa de Desportos», importante colectividade de S. Paulo, têm tudo resolvido para se deslocarem a Portugal.

As notícias dão até pormenores. Vêm ao nosso país, por parte do Vasco da Gama, 25 pessoas, entre dirigentes e jogadores.

Quanto à «Portuguesa de Desportos», parece que o objectivo é realizar em Portugal três encontros, tendo como adversários o Sporting, o Belenenses e o Futebol Clube do Porto.

Tão positivas notícias devem ter, forçosamente, um fundo de verdade. Todavia, esta deslocação dos brasileiros a Portugal não passa, por enquanto, de projecto. Tudo projectos... Na Federação Portuguesa, nada se sabe sobre o assunto, e nos clubes pouco se sabe também. Tão pouco, que não chega para satisfazer a nossa natural curiosidade!

A começar em Janeiro de 1946
Número avulso. 2\$00

Stadium

MUNDO da BOLA

JORNALISTA desconhecido

Corre que...

Com o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal, estiveram ontem os presidentes do Sporting, Benfica e Cuf a tratar de um assunto de extrema gravidade para aquelas instituições: o problema do campo e das suas instalações desportivas.

O Sporting já tem a sua futura direcção constituída — por acôrdo entre os elementos destacados no clube.

A Comissão Central de Árbitros, devido à doença de Cosme Damião, grande figura do futebol, vai ser, provavelmente, reorganizada.

Para presidente da Comissão Central de Árbitros fala-se num dirigente que esteve ultimamente muito em foco.

Pensa-se na realização de um Lisboa-Madrid em futebol.

A construção do novo campo do Vitória de Guimarães prossegue em ritmo acelerado.

O estádio tem capacidade para 25.000 pessoas. As obras estão a ser dirigidas pelo sr. eng. Travassos Valdez. O campo deve estar em condições de ser utilizado já em Janeiro.

A Associação de Évora, aproveitando a deslocação dos clubes da Primeira Divisão a Elvas, tem o desejo de organizar desfilos em Montemor.

Projecta-se um Portugal-Espanha, de futebol, entre grupos corporativos. Como se sabe, tanto na F. N. A. T. como na Educacion y Descanso não há jogadores filiados nas Associações ou Federação de Futebol.

Consta que o Plano apresentado pelos dez clubes para a Segunda Divisão não será aprovado.

O Benfica pediu a transferência de três jogadores, apresentando várias razões.

O Estoril também tem várias pretensões sobre jogadores.

O FUTEBOL CORPORATIVO

O futebol corporativo está lançado. Mesmo sendo obrigatória a constituição de Centros de Alegria no Trabalho para concorrer, o campeonato nacional corporativo, lançado esta época, na tradição das anteriores, pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, está destinado a um grande êxito. Só em Lisboa há 40 teams inscritos.

Presidiu ao sorteio efectuada na semana passada o sr. capitão Campos Andrada, que saíu os concorrentes, traçando um quadro da futura actuação do grande Organismo do trabalhador português e das suas aspirações.

Os 19 concorrentes da Primeira Categoria foram divididos em duas séries. Damos a sua constituição com os respectivos números para a tabela de jogos. A-1. Estaleiros Navais da C. U. F.; 2. Fábrica «Mascote»; 3. Fábrica de Loíça de Sacavém; 4. Grémio dos Armazenistas de Vinhos; 5. Sindicato dos Profissionais do Cinema; 6. Grémio da Lavoura de Tôres Vedras; 7. Companhia Nacional de Navegação; 8. Grémio dos Armadores de Navios da Pesca de Bacalhau; 9. Fábrica de Cimento Tejo; 10. Fábrica Progresso Mecânico.

B-1. Oficinas Gerais de Material de Engenharia; 2. Comissão Reguladora Moagens de Ramas;

3. Empresa Fiação e Tecidos de Benfica; 4. Grémio dos Armadores da Pesca do Arrasto; 5. António Pessoa, Ltd.; 6. H. Vaultier; 7. Carp, Ltd.; 8. Lucitay; 9. Aliança.

Segunda Categoria. A-1. Sociedade Portuguesa de Seguros; 2. Fábrica de Pólvora de Chelas; 3. Montepio Geral; 4. Ramas; 5. Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório; 6. Piral e Irrompível; 7. Shell; 8. Comissão Reguladora do Comércio de Metais; 9. Carp, Ltd.; 10. Casino do Estoril; 11. Instituto Pasteur.

B-1. Sociedade Tipográfica; 2. Grandela; 3. Loíça de Sacavém; 4. Val do Rio; 5. Companhia Nacional de Navegação; 6. Levedura Nacional; 7. Lusallite; 8. Material de Engenharia; 9. C E L; 10. Marcete.

Os desafios disputam-se aos sábados e domingos nos campos «Afonso de Albuquerque», da Polícia, da Fábrica de Pólvora de Chelas, da Aliança, Francisco Lázaro, e ainda, por acôrdo dos concorrentes, nos campos da Fábrica Cimento Tejo e da Fábrica de Loíça de Sacavém. O delegado da Carp, Ltd., sr. Carlos Ruiz, saíu, na pessoa do sr. capitão Campos Andrada, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho. A competição começa em Janeiro próximo.

O Relatório dos Arbitros

A Comissão Central de Árbitros diz-nos, em relatório publicado e distribuído, o que foi a sua gerência em dois anos, de 1943 a 1945. Dada a conhecer em vários jornais da especialidade, salientamos aqui algumas afirmações interessantes e curiosas que encontramos espalhadas nos vários capitulos do valioso trabalho.

O problema da arbitragem

O problema da arbitragem é, dos problemas desportivos, o mais importante, e não pode, por isso, ser apreciado acidentalmente, isto é, apenas quando um facto novo se verifica, mas deve, antes, ser apreciado e discutido continuamente, a fim de bem se avaliar as dificuldades que a todo o momento surgem, e que evitam que uma solução relativa seja dada tão breve quanto se deseja.

A autonomia das Corporações

Defendeu esta Comissão Central a autonomia técnica e disciplinar da Corporação dos Arbitros, sem recuar que dessa autonomia resultasse incompatibilidade de poderes entre as Comissões dirigentes dos arbitros e as entidades que regem o nosso futebol, porquanto as suas missões não colidem e ambas são necessárias ao futebol.

Escolas de arbitros

Tem sido uma das maiores preocupações desta Comissão Central o recrutamento de novos arbitros, visto reconhecer-se a necessidade imperiosa de ampliar e renovar os quadros de arbitros existentes nos vários núcleos regionais.

Foram examinados 142 candidatos e aprovados 114: Lisboa 26, Porto 47, Santarém 4, Coimbra 9, Braga 16, Setúbal 7 e Beja 5.

Sistema diagonal

A função do sistema diagonal é independente das Leis do Jogo e caracteriza-se pela colocação especial, no terreno, do árbitro e dos fiscais de linha, de modo a permitir entre eles uma mútua e eficiente colaboração no sentido de garantir, tanto quanto possível, uma arbitragem isenta de erros.

O papel do árbitro

Tão alto e nobre encargo desportivo exige do indivíduo árbitro predicados especiais, tais como: inteligência, bondade, imaginação, poder de observação, agilidade e intuição, a par de uma indispensável e relativa cultura.



O avançado-centro dos *leões* luta com tenacidade contra um médio adversário. Desta vez, foi batido. De outras levará a melhor!



Um remate potente do Sporting dá a sensação de goal! Ilusão — apenas!



Um golpe da defesa do Oliveirense!



Teixeira, estendido no chão e já batido, olha com tristeza para a bola. «Mais um goal!». É realmente a segunda bola lisboeta vivamente festejada por Cordeiro



Recebendo um pontapé de canto, Peyroteo fixa o resultado em 3-0. Todos os esforços de Teixeira e dos seus companheiros da defesa resultaram inúteis!

A 3.ª Jornada da Primeira Divisão

Dos seis encontros que constituíram a 3.ª jornada do Campeonato Nacional da Primeira Divisão deixou de se realizar o Porto-Atlético, no estádio do Lima, por sinal, um dos mais nivelados e importantes.

Resultados:

Belenenses 6 - Boavista 1
Sporting 3 - Oliveirense 0
Académica 3 - Benfica 3
Olhanense 2 - Vit. Setúbal 0
Elvas 4 - Vit. Guimarães 2

O dia não auxiliou o futebol. Primeiro, o temporal afastou a assistência. Mesmo assim, alguns heróis, de chapéu aberto, conservaram-se durante a hora e meia emocionados... Segundo, os campos enlameados e barrentos dificultam a acção dos jogadores e prejudicam a qualidade do jogo.

Os números sugerem-nos várias considerações. Trata-se de um campeonato em que o meio-ambiente desempenha um papel de relêvo, muito mais importante do que nos torneios distritais.

A prová-lo está o facto de, inimigos fáceis quando visitantes, se tornassem difíceis na altura de receberem visitas. Compreende-se que tal aconteça. O público lisboeta tem várias cores clubistas, ao contrário do que sucede nas cidades da Província. Todas deslocações se realizam sob o signo do ferro em brasa.

Lisboa está em luta com a Província. De momento, o posto n.º 1 do Tabela é ocupado por Elvas. Não entramos em linha de conta, evidentemente, com o desafio do Porto disputado quando a nossa Revista já estava elaborada. Não haja ilusões. Os lisboetas, talvez o Belenenses, adextram-se para o grande salto. Mas é indiscutível uma coisa: o comportamento do Elvas tem brilhantismo, e a cidade poderá rever-se orgulhosamente no seu representante.

Em Lisboa, o Boavista secumbiu com relativa alegria de jogo, cada vez passando mais na competição o favor de alguns dos grupos. O Oliveirense está a pagar o tributo à causa. Tal não nos parece razão de desânimos. Já outros passaram pelos mesmos transe dolorosos.

Guimarães sabe. Duas vezes teve a fortuna pelo seu lado, e outras tantas o grupo de Elvas, em soberbas avançadas de energia e vibração, dominou a situação. O team de Setúbal, após uma viagem tormentosa e com a desgraça de perder o seu guarda-rêdes, fez figura em Olhão, onde era lícito esperar mais do titular. Finalmente, em Coimbra, a Académica, conquistou o seu primeiro ponto, rasgando o caminho na tabela. E o Benfica completou três empates, agarrando-se tenazmente à ideia de não querer nem desajar perder!

Por enquanto, só um grupo conta vitórias. Quando escrevermos, o Porto ainda é susceptível de conseguir a mesma coisa. Todavia, parece-nos que, em devido tempo, a tristeza transformar-se-á em alegria.

T. da Silva



Éis um surpreendente trecho do Belenenses-Boavista. Quaresma aperta as balizas contrárias num círculo de fogo. Em jogo rápido e ardente domina. Mota, o guarda-rêdes, apesar da sua magnífica estrada, não consegue deter o grande avançado. Grande jogada!



Mais um ataque belenenses! Armando, em posição de expectativa



A posição estupenda, modelar e harmoniosa, de um jogador que sabe chutar. Esta fotografia de Rafael devia mostrar-se nas escolas do jogo!



Todo o trio avançado belenenses está ao ataque, e bem disposto no terreno. Elói, de posse da bola, Armando e Quaresma aguardando o desfecho da jogada. O ataque belenenses parece dominar a defesa do Boavista.

CARNIDE, clube bairrista

MARIA PIA, clube de historial

Os 25 anos do CARNIDE...

Se há colectividades que devem merecer a nossa simpatia e o nosso apoio, se há colectividades que se têm sabido manter fiéis a uma linha de conduta, se há colectividades que têm, realmente, levado a cabo obra séria, útil e prestigiosa para a causa que servem e defendem, uma dessas colectividades é, sem sombra de dúvida, o Carnide Clube.

O Carnide Clube — o que este nome não representa, o que este nome não simboliza...

Toda uma história maravilhosa de 25 anos, todo um acrisolado sacerdócio de um quarto de século, olhos postos num ideal, rosário inestimável de dedicações sem conta.

O basquetebol deve-lhe um bom quinhão da sua propaganda, da sua expansão, do seu progresso.

Muitos campeões têm saído do Carnide — e muitos campeonatos a colectividade tem conquistado. Mas além disso, e para nós mais valioso do que isso, muitas centenas de jogadores têm sido feitos nas suas «escolas», numa eloquente demonstração de critério e de elevado espírito desportivo e clabista.

Não admira, pois, que a Federação Portuguesa de Basquetebol, num gesto que tem tanto de justo como de significativo, tenha conferido ao Carnide Clube a sua primeira «Medalha de Prata de Serviços Distintos», considerando os seus relevantes serviços prestados ao basquetebol.

Colectividade nitidamente bairrista — o cartaz de propaganda, por excelência, do seu bairro — tem singrado tenaz e progressivamente, amparada a dedicações valiosíssimas. E de entre lódas — que muitas são — é de elemento justiça citar os nomes de Manuel Gonçalves e Fernando Amaral — dois nomes que jamais se poderão separar do nome do Carnide.

Mas não só no campo desportivo o Carnide é merecedor da nossa melhor admiração.

No campo social, com a manutenção das suas escolas para crianças pobres, com o seu parque infantil, com a biblioteca para os seus «médicos», o Carnide Clube pode legitimamente orgulhar-se de ter resolvido, da melhor maneira, dentro das suas possibilidades, um dos mais importantes problemas do seu bairro.

Em tudo e por tudo, o Carnide, pela sua obra, justifica plena-

mente estas linhas, no ano das suas bodas de prata, mereço precioso a assinalar a sua história — que continuará sempre!

...e os 23 do MARIA PIA

Colectividade de características próprias — semelhantes às do Casa Pia A. C. — o Maria Pia é um daqueles grêmios que, embora afastados do grande público, têm, no entanto, um historial valioso, onde há muito de positivo a assinalar e onde há, sobretudo, grande soma de esforços, dedicações e boas vontades. Durante os primeiros vinte anos, um nome nos surge por detrás de tudo isso — Canha Martins, seu presidente quasi perpétuo, que, num momento crucial da vida da colectividade, a salvou quasi milagrosamente.

A natação — modalidade em que organizou algumas provas, como a meia-milha — o «water-polo», a luta greco-romana, o ping-pong, muito lhe devem.

Um pormenor, que é um dos seus maiores títulos: foi o Maria Pia o segundo clube português que apresenta uma classe feminina de ginástica. Dirigia-a mestre Anibal Ramos — outra dedicação pelo Maria Pia.

Nos últimos anos, a simpática agremiação da rua de S. Gens tem dedicado ao basquetebol o melhor da sua atenção, e nesta modalidade tem alcançado lisonjeiros resultados.

No momento do seu vigésimo terceiro aniversário, a homenagem da nossa Revista ao Maria Pia — tal como ao Carnide — justifica-se amplamente. Que ela seja também um incentivo — são os nossos votos.

Abreu Tôrres

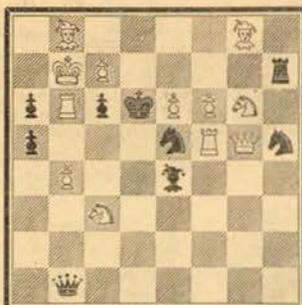
Estratégia e método Base do futebol associativo científico

por Augusto Sabbo

Temos em nosso poder, por amável oferta, o livro «Estratégia e método base do futebol associativo científico», do sr. engenheiro Augusto Sabbo, antigo jogador e treinador, e pessoa muito erudita em questões do jogo. Trata-se de um grosso volume, que estamos a ler atentamente, para depois escrevermos o devido comentário, como justamente merece o seu autor e a importância e vastidão dos assuntos versados na obra, cuja leitura desde já aconselhamos, inteiramente justificam.

PROBLEMA XIV

Juralú

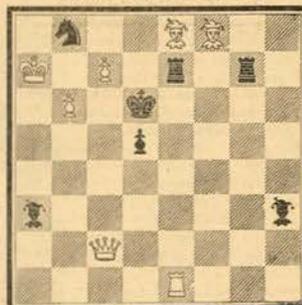


2 X

PROBLEMA XV

«Simplicidade»

dedicado a A. A. de Coimbra



2 X

EXERCÍCIOS DE RECONSTRUÇÃO DE PROBLEMAS

As casas do campo do rei

TEMOS tratado de um método lógico e simples da reconstrução de um problema, proposto em um dos nossos últimos números. Explicámos detalhadamente tudo quanto se referia aos aspectos

do jogo temático e secundário encontrando-nos agora na última fase do problema, parecendo-nos que a resolução dos ditos pormenores do exercício é simples, como passamos a demonstrar.

As casas do campo do rei que faltam bater são d6, e5, b5, e a6, as três últimas para apoiarem a torre nos mates e nos desvios. Para o primeiro caso temos um bom recurso de colocar um Bispo branco na diagonal a3-f8, batendo d6 e e5.

A casa indicada para esta peça é f8 porque em a3 ou b4 seria inutilizada pelas obstruções na casa e5 e, em d7, despregava automaticamente o Peão branco. Nas restantes variantes podemos dispor de dois peões brancos para apoiarem as casas b5 e b6.

Quanto à posição definitiva do Rei branco, optaremos por g7, pois um simples peão negro na coluna g o resguardará de xques irreplicáveis.

Uma particularidade interessante neste género de exercícios é o estudo do lance-chave. Sabendo-se antecipadamente a casa que veio ocupar, teremos de descobrir a posição inicial dessa peça. Neste problema não encontraremos elementos concretos; uma questão de critério pessoal, a que, aliás, não deve ser estranho bom conhecimento técnico da matéria. É de crer que possam haver bem poucas dúvidas sobre a preferência da casa f5, que é a menos deslocada na coluna. O estudo está praticamente terminado; aparentemente é definitivo o seguinte esquema: 2D1bB2-2fP2R1 2r1p3-PT2cT1-P2P4-9-215d1.

Mas uma atenta análise a esta posição revela-nos dois defeitos graves: as demolições por dupla solução, 1.d5 e 1.Txe5.

O único recurso para corrigir o problema será revelado no próximo número, oferecendo-se assim mais uma oportunidade para os nossos leitores se exercitarem nesta interessante modalidade.

ORIENTAÇÃO EM PORTUGAL

A actividade desportiva em Portugal, ao contrário do que julga a grande maioria das pessoas que se interessam por esse problema, não está centralizada sob uma única orientação superior: a da Direcção Geral de Desportos.

Dois importantes sectores escapam em absoluto à sua influência: a escolar e universitária, que é da jurisdição da Obra Nacional da Mocidade Portuguesa, o corporativo e trabalhador, que actua na dependência da Fundação Nacional para a Alegria do Trabalho.

Esta circunstância poderia causar certas perturbações se não existisse, como existe, o mais perfeito entendimento entre os citados organismos superiores, de forma a poder afirmar-se que a doutrina portuguesa, em matéria de regulamentação da actividade dos desportistas, é única em defesa de direitos legítimos e na luta contra intervenções condenáveis a que a dispersão de campos deixaria liberdade perniciosamente de acção.

Surgem, no entanto, ainda por vezes pequenos paradoxos de fácil remédio, porque a sua causa é apenas um lapso regulamentar; isto a propósito de ser consentido nos campeonatos universitários a participação do mesmo jogador em dois jogos diferentes, quando tal facto é taxativamente proibido pelo espírito de acordo entre a Mocidade e a Direcção Geral.

a vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

A imprensa de Paris publicou a bizarra e inesperada notícia de estar constituído, após secretas negociações, um organismo franco-inglês que pretende reger os destinos do pugilismo profissional europeu.

Como se sabe, durante o largo período da Guerra Mundial, muitos foram os órgãos dirigentes demitidos e dissolvidos pela força das circunstâncias e da política. Assim, a antiga Federação Francesa de Boxe desaparecera voluntariamente para não se sujeitar ao governo de Vichy e, em seu lugar, surgiu outra entidade, que deixou de existir após a vitória dos exércitos aliados.

Em Outubro de 1944, organizou-se nova Federação sob a presidência de Roland Resche, a quem cabe o mérito da realização deste acordo tantas vezes procurado pela Internacional Boxing Union e sempre rejeitado pela Federação inglesa.

Roland Resche e o coronel Myddelton, presidente do British B. Board of Control, tomaram, entre outras, as seguintes resoluções:

- 1.º As duas federações constituirão um organismo para dirigir o pugilismo na Europa.
- 2.º Todos os campeonatos das actuais categorias consideram-se vagos, devendo disputar-se, num curto prazo, entre os campeões da França e da Inglaterra, os títulos respectivos.
- 3.º Os futuros titulares deverão combater dentro de seis meses contra os aspirantes oficialmente designados pela European Boxing Federation (o nome do citado organismo) e escolhidos entre os campeões dos países continentais.

A criação de um órgão único, com prestígio e autoridade, que tomasse sobre si o encargo de reger e disciplinar o jogo do boxe, fazia-se sentir desde há muitos anos. A Internacional Boxing Union, apesar de todos os seus esforços e tentativas, jamais conseguiu impor-se aos ingleses ou obter a sua colaboração.

O presente acordo constitui, por conseguinte, um enorme passo no sentido mais favorável. Todavia, parece-nos desproporcionada a ideia de se retirar aos actuais pugilistas detentores de títulos, sem motivo justificado ou disciplinar, os campeonatos conquistados no ringue.

É uma resolução infeliz e porque traz o cunho franco-britânico sem a aquiescência da Itália, Espanha, Bélgica, etc., países onde o boxe atingiu certa importância, carece daquela imparcialidade e critério indispensáveis para se impor pela força do direito e da lógica.

Aguardemos as futuras actividades da nova federação, augurando-lhe o papel de porta-voz do bom-senso para que possa sobreviver.

Rafael Barradas

FUTEBOL

A Bélgica vence a França por 2-1

A França perdeu o 36.º encontro internacional de futebol jogando contra a Bélgica. Mais de 30.000 pessoas presenciaram o desafio e entre elas o primeiro ministro Van Acker.

O grupo francês empregou muito melhor técnica, mas o seleccionado belga utilizou tática superior. O estado do terreno, lamacento, prejudicou os franceses, dificultando-lhes a execução dos passes. Os dois pontos belgas fo-

ram obtidos por Sermont, em remate a 2 pontapés de canto, na primeira parte. Depois do intervalo, os franceses marcaram o único tento com um tiro imparável.

Até agora, a Bélgica conta 17 vitórias, a França 14 e houve 6 empates.

A selecção nacional inglesa

O encontro de futebol entre «prováveis» e «possíveis», a fim de escolher o grupo representativo da Inglaterra que jogará em Janeiro contra a Bélgica, não satisfaz.

O herói da tarde foi Jess Pye, do Notts County. Constituindo com o famoso Matthews a asa direita, o seu trabalho salientou-se notavelmente. Ao centro, o duelo Lawton-Stubbins concluiu quasi sempre a favor do avançado do Chelsea, que dispôs da defesa contrária como quis.

Mullen, do Wolves, empregou-se com grande acerto no lugar de ponta esquerda. O «furo» da linha dianteira continua sendo o lugar de interior esquerdo. A imprensa britânica aconselha que se solicite a desmobilização do sargento Jimmy Hagan, actualmente na Alemanha, para alinhar na asa esquerda do team.

Na linha de «médios», os melhores foram Wright, Franklin e Soo. Na defesa, brilhou Barker, do Huddersfield, enquanto que Scott se mostrou algo discreto. Na meia, Williams esteve seguro, sofrendo apenas uma bola (marcada por Stubbins), ao passo que Merrick deixou passar 4 tentos.



No «Palácio do Gelo», Dauthuille, vencedor de Joe Bruus, aclamado pela multidão

RUGBY

O «match» França-País de Gales

O primeiro desafio internacional de bola ovóide deve ter-se efectuado no sábado último, em Swansea, entre as equipas nacionais francesa e galesa. Na data em que a Revista entra na máquina ainda se desconhece o resultado do jogo, que se inclina a favor dos insulares, conforme as previsões.

A França, a Inglaterra, Gales, a Escócia e a Irlanda continuavam, antes de 1939, a disputar entre si renhidos «matches», esperando-se que esse costume se renove brevemente.

ESGRIMA

O Campeonato de Espanha

TERMINARAM na semana finda as provas de florete, espada e sabre do campeonato espanhol. A primeira destas armas compareceram, apenas, seis concorrentes, por ausência dos atiradores madrilenos. Ficou classificado, em primeiro lugar, Andrés González Meneses, de Sevilha.

A prova de espada, que foi renhida, coube a Juan Pérez Ullivarri, do Centro, totalizando quatro vitórias e duas derrotas.

Ramon Martínez adjudicou o campeonato de sabre com cinco vitórias e nenhuma derrota. O anterior campeão, Pomés, não correu à prova.

Apesar do entusiasmo do público, muito selecto e numeroso, não parece que a esgrima espanhola tenha progredido sensivelmente.

O fabuloso preço de um cavalo

CONSTITUIU-SE em Inglaterra uma sociedade por quotas (quarenta, de 2.800 libras cada) a fim de adquirir um famoso cavalo reprodutor. Seu proprietário, nem mais nem menos do que o «Papa» muçulmano Aga Khan, cedeu-o pela fantástica soma de onze mil e duzentos contos, conservando, porém, de parceria com o filho, Ali Khan, a quarta parte das quotas do sindicato.

O animal tem agora 8 anos e chama-se Stardust (poeira de estrelas). Custou, apenas, 1522 libras e 10 xelins, em 1938, mas os seus serviços como ganhão

TÊNIS

Bob Riggs campeão profissional

REALIZOU-SE em Eagle-Rock (Los Angeles) a final do campeonato do mundo de ténis para jogadores profissionais, cabendo a vitória a Robert Riggs, que venceu Donald Budge por 9/11 — 6/3 — 6/2 — 6/0.

Riggs, apesar da sua juventude, não conseguiu ganhar a primeira partida. Na seguinte, Budge magou apenas o braço direito, que ficou totalmente incapacitado ao começar a quarta ronda, mas recusou-se a desistir do match.

HIPISMO

acham-se já adquiridos totalmente para 1946 e 1947, ao preço respectivo de 315 e 420 libras por cada cobrição. Só em 1948 a Sociedade poderá aproveitar-se do animal para benefício exclusivo dos associados.

Stardust procede directamente de Hyperion e Sister Stella. Para se avaliar bem das suas capacidades funcionais, basta dizer que dos descendentes ganharam outras tantas corridas na recente temporada hipica.

Aga Khan vendera há pouco, a outro sindicato, o cavalo Teheran por dez mil contos. O preço atingido agora por Stardust constitui o máximo, em qualquer tempo e local, desde que há cavalos no globo terrestre... e di-nheiro.

Quando o atletismo ainda engatinhava...



Esta é a imagem de uma final olímpica portuguesa em 1911: o juiz da partida, de binóculo a tiracolo, vem colocar-se à frente dos participantes, entre os quais figura Armando Cortezão, o vencedor destes 800 metros

tro de 1\$500 réis e quatro de 1\$000 réis) chegaram ao conhecimento da posteridade apenas por intermédio das suas pitorescas alcunhas. Foram eles: o Miúdo, o Ciclista, o Fusco, o Algárvio, o Marquez, o Nabo Salolo, o Fadista do Arsenal, o Chança e o Rei Preto.

No ano seguinte, em 10 de Junho de 1905, o Campo Grande Futebol Clube, antepassado directo do actual Sporting e do qual fôra fundador o saudoso José Alvalade, promoveu no seu campo da Alameda do Lumiar — hoje, das Linhas de Torres —, um festival cuja assistência era reservada a convidados (só assim se pode compreender que no intervalo fosse servido aos presentes «números e selectíssimos», segundo rezam os prelos da época, um finíssimo lanche), dividido em duas partes, das quais a primeira foi preenchida por provas de atletismo e a segunda por provas de atletismo e a segunda por provas hípcas!

Os vencedores do certame atlético foram: corrida de velocidade, Carlos Lamarão; corrida de obstáculos, saltos em comprimento e altura, Fernando Pinto Basto, que na última competição transpôs 1^m,60; corrida de resistência, José Manuel Barahona.

Em 1906 organizou-se o primeiro concurso formal, entre clubes, de atletismo de pista, sendo a iniciativa do Clube Internacional de Futebol; de extranhar, porém, que nessa época, os torneos de atletismo se celebravam nos meses de inverno rigoroso.

O jornal «Os Sports», por exemplo, jornal que nada tinha a ver com aquele «Sports» que nós todos conhecemos, promoveu em 23 de outubro uma festa mista de ciclismo e atletismo, incluindo duas corridas, cujos resultados são apreciados nos seguintes termos pelo organizador: «O vencedor dos 100 metros foi Augusto Freitas, que é um corredor muito sabido e com magnífica ponta final e a prova de 500 metros, bastante movimentada e dum pitoresco indescriptível, teve por vencedor Carlos Mesquita.»

O concurso realizado pelo Internacional, em 11 de Novembro, dia de S. Martinho, no seu velho terreno de Alcântara, foi o primeiro com características de luta entre clubes; a colectividade organizadora, no intuito de facilitar o conhecimento técnico de

práticas então incipientes, distribuiu pelas agremiações que convidou, juntamente com o programa das provas, uma espécie de regulamento explicativo das condições de organização. Este documento contém curiosos pormenores para o estudo do critério técnico em uso nesses tempos distantes.

Se, em algumas competições, como os saltos em altura e comprimento, se obedecia já a preceitos muito semelhantes aos actuais, o mesmo não sucedia, por exemplo, com o lançamento do peso. A estera empregada era de 5^m,5 e a nota explicativa diz: «Um quadrado de dois metros de lado é marcado no solo. O peso será atirado do ombro, com uma só mão, que o atleta saia do quadrado. A distância é medida perpendicularmente do ponto em que o peso toca o ter-

(Continua na pág. 14)

Salazar Carreira

A chegada da corrida dos 800 metros no campeonato de 1914, que serviu para inaugurar a pista do Estádio do Lumiar, cuja cobertura se vê ainda incompleta. Dois homens do Sporting chegam à meta quasi a par: à corda, o vencedor, dr. Salazar Carreira, e do lado exterior o cap. Henriques Galvão, ambos ao tempo ainda estudantes universitários



O atletismo em Portugal é já um senhor quarentão e respeitável, de hábitos regulados e vida modernizada, seguindo os figurinos internacionais, mas as transformações porque passou ficam despercebidas — tão naturais elas foram — se não dermos na evocação retrospectiva um salto brusco, da actualidade, vinte e cinco ou trinta anos para traz.

Se neste ano de graça de Deus de 1946, fosse dado ao público presenciar um torneio de atletismo organizado pelos moldes de antanho, o espectáculo seria de cómico irresistível, embora a seriedade de processos e competição fosse idêntica, simplesmente porque o espírito de apreciação e as regras em vigor são muito diferentes.

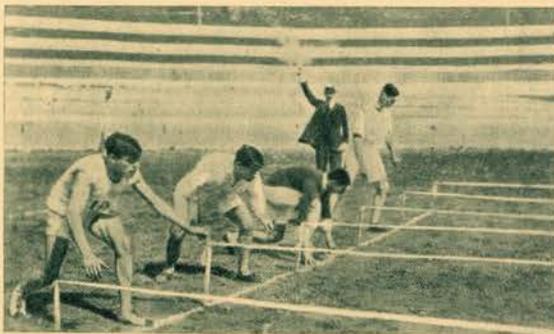
O nosso atletismo vai na sua segunda geração; o primeiro concurso formal, promovido em Lisboa, teve lugar no dia 13 de Maio de 1904 por iniciativa do Lisboa Cricket Club no seu campo da Cruz Quebrada, onde hoje está instalada uma fábrica de canalizações e coberturas cimentadas, mas tomaram parte nas várias provas apenas súbditos ingleses.

O acontecimento foi muito mais mundano do que popular, como se infere das críticas da época, segundo as quais o espectáculo «concorridíssimo, verdadeira festa de verão pelas toilettes claras das senhoras e a decoração alegríssima de um formoso sol» foi interrompido a meio para «servir chá a toda a assistência, tocando uma banda de música diversos trechos escolhidos.»

Eis um exemplo que a actual Federação se veria embaraçada para seguir.

No mesmo ano, no dia 20 de Novembro, disputavam-se corridas «entre ardinas», sendo traçado o percurso na Avenida da Liberdade, entre a Rua das Pretas e a Praça dos Restauradores. Alguns pormenores desta prova assumem hoje um aspecto algo irónico; assim, por exemplo, o melhor tempo foi obtido por um garoto já espigado, mas ágil como um gamo, chamado Manuel Loureiro e conhecido entre os companheiros por o «Grilo», nome que a gente nova contemporânea conhece pelas suas proezas de lutador, mas certamente não supunham capaz de ter corrido desde a Rua das Pretas ao monumento dos Restauradores em 2 m. 5,8 s.

Também pode considerar-se esta competição como o início da carreira profissional desportiva do Manuel Grilo, pois lhe coube o prémio importante de 2\$000 réis. Os titulares dos restantes prémios (três de 5\$000 réis, quatro de 2\$500 réis, qua-



Em 1910 eram assim as eliminatórias dos 100 metros: pistas marcadas por cordas levantadas do solo e os corredores de pé, atentos ao tiro



Braga na modalidade, devendo classificar-se de verdadeiro «viveiro» de atletas. O primeiro dos grupos apontados parece ter desaparecido não se pensando, que nos conste, no seu ressurgimento. Quanto ao Sporting de Braga não existem dúvidas de que se entregou, de alma e coração, ao futebol.

Mas não foi o atletismo, dos desportos «pobres», a única modalidade que teve acolhimento em Braga. O andebol, o basquetebol, o ténis de mesa, etc. Tiveram já a sua «época» real entre nós, sendo lamentável que a idéia de quem meter ombros à iniciativa não haja tido a aceitação geral de todas as nossas colectividades, de então, ou a continuidade daquelas que, inicialmente se interessaram. Deve estar bem vincado ainda, na memória de todos o êxito de um torneio de ténis de mesa realizado há poucos anos nesta cidade pelo que nos foi dado ver entre nós alguns valores nacionais da especialidade. Como êsse, outros torneios aconselhavam a não deixar morrer uma obra que já tinha vida. Todavia não aconteceu assim, e hoje em Braga está pôsto de parte, ao que parece, o problema desses belos desportos, só se pensando no futebol, o «simão» das multidões. Os desportos «pobres» também atraem multidões, embora isso se não verifique senão quando essas multidões estejam familiarizadas com tais desportos.

BENIGNO DA CRUZ



Braga e os desportos pobres

OS desportos «pobres», que já ocuparam em Braga uma posição de relêvo, entraram numa fase de marasmo e desinteresse que ousamos classificar de desolador e incompreensível. Dezenas e dezenas de atletas bracarense, representando vários clubes, conquistaram em competições oficiais, e particulares, títulos e mais títulos.

Foi o atletismo, dentro dos desportos «pobres», a modalidade de que mais se salientou no nosso meio. O «saúdoso» Atlético, que à Causa se dedicou por excelência, conseguiu enfileirar verdadeiros e indiscutíveis valores nacionais. O Sporting Club de Braga, teve, também, a sua fase marcante neste desporto e orgulha-se ainda com a posse de troféus conquistados, nesse período, pelos seus representantes. Referindo-nos agora ao Académico B. Club, uma agremiação de novos que vivem para o desporto e pelo qual têm suportado toda a espécie de sacrifícios, é-nos grato salientar ser esta colectividade que, ainda representa



1-1.º «estamo» do Atlético C. Oliveira; Baptista, Martins, Ferreira, Madeira, Gaspar e Castelo — de pé: Alcides, Custódio, Neto, Fernando, Pereira e Armando, treinador; 2- Ermesinde F. C., 2.º da 1.ª Divisão da A. F. Porto: 1.º plano — Araújo, Pepe, Grilo, Montalvão e Almeida; Jorge, Pedro, Sarrea, Petrack, Mário e Lino; 3- Sport Lisboa e Cascaes, filial do Benfica: — F. Balço, Narciza, Garcia, Rulvo e Rostrio, no 1.º plano; André, Garcia, Ramalho, Aurélio, Pedro, Ricardo, Garção e F. V. Lopes, director; 4- D. Nuno E. C., de Vila Viçosa: — Joaquim Durão (treinador), Paulista, Ferrão, Catela, Gomes, Duque e Galvão; Ginja, Amador, Silvestre, Naló e Armando; 5- Sporting Clube de Batalha, vendo-se à direita o seu treinador, professor Esteves



Diz-se

no Pôrto...

Que o simpático Gomes da Costa, afinal, está matriculado na Faculdade de Medicina desta cidade, não passando de «boato» a sua transferência para o S. L. e Benfica.

Que ainda há quem espere vê-lo alinhar este ano no grupo do F. C. do Pôrto.

Que para o Estádio das Antas, onde ficará definitivamente instalado o F. C. do Pôrto, vai contribuir o Estado com 7.000 contos — atitude que os associados do mais importante clube do Norte não deixarão de aplaudir com todo o entusiasmo, na altura própria.

Que os açorianos não ficaram no clube da Constituição por se saber que os azuis e brancos os dispensariam. Não se sabe bem, entretanto, porque abandonaram precipitadamente esta cidade...

Que Arlur Sousa, — não jogará esta época. Apenas num ou outro desafio estará presente, para preparar a sua festa de despedida.

Que há agora vários candidatos ao posto de interior esquerdo do F. C. do Pôrto, visto Joaquim estar doente.

Que o Leça e o Salgueiros se mostram descontentes com o movimento, que só pretende escolher o Leixões para a 2.ª Divisão Nacional. Também se acredita que o campeão de Trás-os-Montes, por exemplo, venha a engrassar o número...

Que a Direcção do F. C. do Pôrto, a levar por diante a sua brilhante tentativa de dar ao clube um Estádio — receberá pública demonstração de simpatia por parte dos seus consócios, sem esquecer aqueles que já deram provas da sua actividade e do seu amor por tamanha iniciativa.

MOSAICOS NORTENHOS...

NÃO ACONTECE isto há muito tempo: — o segundão portuense ganhar a um grande de Lisboa. Os desportistas desta cidade rejubilaram, satisfeitos. Teremos, definitivamente, um bom companheiro do F. C. do Pôrto?

Oxalá que sim. Os dois clubes portuenses terão de bater-se bem. Até porque, na próxima época, como se sabe — descem os dois últimos, subindo os dois primeiros da 2.ª Divisão...

▶ TAMBÉM agradeu a vitória do F. C. do Pôrto, em Setúbal, um campo onde nem sempre era feliz nos antigos tempos. ● campeão

Vitória das Antas

FINALMENTE? Tudo leva a crer que sim. Há agora uma vaga de optimismo e de satisfação entre os sócios do F. C. do Pôrto, a quem as últimas notícias entusiasmam. Sabe-se já que foram definitivamente escolhidos os terrenos situados nas Antas — e também que o sr. Presidente da Câmara Municipal do Pôrto, o ilustre professor dr. Luís de Pina, se mostra interessado na resolução definitiva de um problema de extraordinária importância para o clube e para a própria cidade.

A aprovação do projecto das Antas, por parte da Câmara Municipal, arruma desde já um caso: — aquela incerteza que

existia entre os associados: Antas ou Vilarinha? De facto, nas Antas ficará o F. C. do Pôrto mais bem instalado. Mais perto do centro, e com outros meios de comunicação.

Aguardemos confiadamente que o mais importante clube da cidade, que do Norte, consiga apresentar-se ao país, dentro de breves tempos, com o seu reclamado Estádio. Bem o merece, pela sua brilhante lóhha de serviço, pela sua actividade constante. Os seus associados andam radiantes, felizes. Oxalá, portanto, que tudo possa fazer-se como querem. O desporto portuense, condado pelo F. C. do Pôrto, aumentará de prestigio.

ATLETISMO

BOAS PERSPECTIVAS para a próxima época

Os novos corpos gerentes da A. P. A.

AO contrário do que se pensava — mesmo fazendo fé por certas afirmações categóricas dos próprios «visados» — os actuais dirigentes da A. P. A. resolveram apresentar a sua candidatura para a nova época, e evitar assim que os delegados dos clubes tivessem de escolher novos nomes; tarefa em que, aliás, já andavam empenhados, com perspectivas de bom êxito. Mas, sem dúvida, foi bem melhor assim — e o atletismo portuense por certo irá ganhar com o manifesto propósito dos actuais dirigentes, que espontaneamente afirmaram não querer abandonar os seus cargos, para continuarem uma obra de certo modo notável.

Por isso a reunião dos delegados para escolha de novo «elenco» decorreu facilmente, salvo na insistência que foi preciso empregar para que o «tesoureiro» acompanhasse os restantes membros da actual Direcção, o qual se mantinha a todo o transe na afirmação pública, que já havia feito, de abandonar o cargo. Por fim, tudo se resolveu em bem — e as afirmações feitas por todos aqueles dirigentes «foram esquecidas» em favor do atletismo portuense.

Voltaremos a ter na presença o sr. Teodomiro Argenete Jor, que na «temporada» ainda desenvolveu acção de certo relevo — e que esperamos seja completada no futuro... O atletismo portuense, depois dum notável período de ressurgimento, precisa agora — mais do que nunca — de muito tacto directivo, de muita ponderação, e de menos «assembléias» à mesa do café...

Como conhecemos e confiamos no espírito dinâmico dos dirigentes, encaramos com optimismo a época de 1946. Oxalá ela confirme a de 1945!

Os clubes, por sua vez, já começaram a movimentar-se. Sobretudo no F. C. do Pôrto tem-se trabalhado a valer, através de periódicas sessões de treino e de torneios internos bastante concorridos.

— Digno de registo — e exemplo que merece ser seguido — o interesse manifesto que o F. C. do Pôrto continua a votar à mais salutar das modalidades.

E. S.



Alfredo Dias é o conhecido «Jaguaré» do Leça. É bom guarda-rêdes, dos melhores do Norte do País. «Jaguaré», que nada tem de comum com o conhecido brasileiro do Vasco de Gama, tomou este nome por o imitar admiravelmente nas fintas e bolas altas.

Alfredo Dias, ou «Jaguaré», por que é assim mais conhecido, pertence ao Leça Futebol Clube, agremiação que tem preparado alguns dos melhores guarda-rêdes portuenses: — Soares dos Reis, Lino, Santiago... O nosso «ás» de hoje tem representado já a A. F. do Pôrto em diversos grupos de selecção, e isso nos demonstra, evidentemente, que tem categoria.

O excelente guarda-rêdes da beira barra, abandonou o Leça durante umas épocas, para representar o Académico Futebol Clube, mas regressou mais tarde à base, quando para o clube do Lima se transferiu Santiago.

«Jaguaré», que muito tem contribuído para várias vitórias do Leça, não se afastará agora do seu posto. Não gostou da «experiência» e reconhece que enverga a sua verdadeira camisola...

Recordações do Atletismo

(Continuação da página 12)

reno à linha mais próxima do quadro ou ao prolongamento desta linha.

O regulamento alarga-se em explicações sobre a necessidade das séries eliminatórias na corrida de 100 metros e afirma que «o corredor que quebra com o peito o fio de chegada é declarado vencedor».

O primeiro certame com cunho de campeonato foi organizado pela Sociedade Promotora de Educação Física Nacional em 1910, com o título de Jogos Olímpicos Nacionais, no extinto velódromo de Palhavã; a primeira pista portuguesa foi inaugurada no Estádio do Lumiar em 1911, e, destruída anos depois por necessidades comerciais, só reapareceu recentemente.

S. C.

As notas mais salientes da temporada de 1945

NO momento em que arrancamos a última folha do calendário, instintivamente surge a ideia de darmos balanço — ainda que sucinto — à actividade desenvolvida durante o período de doze meses que expira.

No caso particular da natação, não pode — nem deve — fugir-se à regra. Para mais, a temporada de 1945 foi interessante e até bastante curiosa sob diversos pontos de vista.

Teve a caracterizá-la determinados aspectos com o seu quê de inéditos — ou quasi... Bateram-se recordes e registaram-se outros tempos de valor. Em tudo e por tudo, o balanço justifica-se. Faça-mo-lo, pois, muito embora em duas pinceladas apenas.

É sempre que venha a propósito, citemos *tempos* do passado. *Tempos* — e nomes. Nomes que ficaram para a história. Dêsse confronto concluirá, facilmente, o leitor que o progresso no aspecto qualitativo da modalidade é indiscutível. Indiscutível — e consolador.

De há muito que proclamamos na imprensa esse progresso. E, de facto, colejando *tempos* de ontem e de hoje, não pode chegar-se a outra conclusão.

Ainda uma frase: que quem nos leia, veja nesta página mais qualquer coisa do que um simples enquadramento de factos, nomes e números. Acima disso, e primeiro do que isso, é homenagem sincera da nossa Revista àqueles que no ano de 1945, pelo seu esforço, vontade e desportivismo, ajudaram a escrever uma das mais belas páginas da História da Natação portuguesa.

Os encontros com a Espanha

Ainda que outros factos notáveis não tivéssemos a registar, bastaria o de na época finda se terem realizado o II e o III encontros Portugal-Espanha, para que a temporada ficasse, na história, como uma das mais brilhantes.

Sem contacto internacional, dificilmente uma modalidade desportiva pode progredir. E a nossa natação, devido, justamente, ao seu pouco intercâmbio com equipas estrangeiras, não tem podido progredir, em profundidade, tanto quanto seria para desejar. No caso do «water-polo», sobretudo, o

facto é bem notório. Há, realmente, que defrontar equipas mais apetrechadas tecnicamente, mais experimentadas, e procurar tirar desses encontros os ensinamentos que lhes proporcionem. O mesmo diremos — quanto às corridas — dos problemas de tática e estilo.

Numa palavra, a deslocação dos nadadores portugueses a Barcelona, a vinda dos espanhóis a Lisboa — além de marcar o realce das relações entre os dois países peninsulares — só deve merecer louvores pela sua inegável projecção no futuro da modalidade.

Bateram-se três recordes — o dos 400 metros-livres...

Uma das grandes figuras da temporada foi, sem dúvida, o alhandrense Joaquim Baptista Pereira. A ele se deve a baixa do recorde nacional dos 400 metros-livres, que melhorou sucessivamente para 5 m. 24 s. 4/10, 5 m. 22 s. 6/10 e 5 m. 21 s., sendo este último «tempo» obtido no decurso do III Portugal-Espanha.

Como se chegou, porém, a este «tempo», de relativa categoria já? Vejamos:

Até 1936, o grande animador da prova dos 400 metros-livres foi Alberto Azinhais dos Santos, que estabelecendo o respectivo recorde em 2 de Agosto de 1931, em 6 m. 17 s. 3/5, o foi melhorando sucessivamente para 6 m. 4 s. (1932), 6 m. 2 s. 4/5 (1932), 5 m. 57 s. 2/10 (1932, em Barcelona), 5 m. 55 s. 1/5 (1933).

Em 1936, Eduardo Menaças realizou 5 m. 54 s. 1/5 e Rodrigo Bessone Basto Júnior 5 m. 51 s. 1/5, mas o recorde voltou, nesse mesmo ano, para a posse de Alberto Azinhais dos Santos, com 5 m. 51 s. (26-7-36).

No ano seguinte, 1937, no «Festival de Encerramento» da época, Baptista Pereira apossou-se do «máximo» dos 400 metros, correndo a prova em 5 m. 50 s. 2/5, «tempo» que foi melhorando sucessivamente até atingir, em 3 de Setembro de 1939, a marca de 5 m. 31 s. que João Mira Gomes, dois anos depois, em 21 de Junho, melhoraria para 5 m. 25 s., «tempo» que permaneceria intacto até à época finda, em que o nadador alhandrense, voltando a inscrever o seu nome na lista dos «records» portugueses dos 400 metros, o fixou na marca já indicada.

É realmente digno de nota o esforço de Baptista Pereira, na defesa de uma posição que mantém desde 1937. E tanto mais é de apreciar o seu esforço, visto tratar-se de um nadador que nunca foi submetido a uma preparação técnica conveniente. Mas é tudo supérfluo com as suas invulgaes qualidades naturais.

Num dos próximos números faremos de outras provas.

A 1.ª entrevista de João Cruz

(Continuação da página 4)

Nos outros grupos, valores equilibrados.

— Que o interior com quem mais gostou de jogar?

— Com Armando Martins e Pingo, muito especialmente: serviam-me admiravelmente. Preocupavam-se em dar-me jôgo. Depois destes, talvez Pireza, mas prendia já mais o jôgo, não me servindo com a oportunidade daqueles.

— Qual o momento de jôgo mais emocionante para o seu espírito?

— Aquê em que me parece que posso marcar goal (não esqueçamos que João Cruz foi já o melhor marcador do Sporting).

Trocamos algumas opiniões acerca da selecção nacional. Que lhe parece o sistema adoptado?

— Francamente acho bem, especialmente o regime de estágio em busca de um melhor sentido de camaradagem. Julgo de grandes benefícios essa orientação.

— Parece-lhe que o seleccionador terá de ir buscar novos elementos para formar o *team*?

— Por enquanto a selecção viverá dos elementos antigos. É a minha opinião. Os *velhos* têm ainda de ser aproveitados. Talvez um jogador para extremo e um outro para interior, na linha da frente, talvez...

— Joga-se mais ou menos do que no tempo em que veio para o Sporting?

— Menos...

A resposta é desassombrosa. João Cruz desenvolve a sua opinião.

— Hoje existe um sistema de jôgo diferente, que não me parece que seja o melhor e de agrado dos jogadores: o jôgo de marcação. A novidade veio quebrar o andamento e a vivacidade do jôgo. O jogador está agarrado a esse sistema, sentindo demasiadamente presos os seus movimentos. Dentes podia-se jogar mais ao ataque. Hoje, a acção dos avançados está sob a imposição dêsse sistema. Estamos sempre com a preocupação de marcar A ou B e sentindo, a ferro em brasa, a vigilância do adversário. O jôgo de marcação não me agrada. Energia, velocidade, liberdade de movimentos, eis a beleza do futebol!

— O seu clube vai afirmar-se mais uma vez neste Campeonato Nacional?

— O Sporting vai marcar. Verá! Talvez arranque o título!

— Sente-se bem na família leonina?

— Como sempre. Com todos, dirigentes e companheiros de equipa, dei-me sempre bem. Depois, os anos passam e a gente gosta cada vez mais do nosso clube. Eu devia ter vindo para o Sporting ainda há mais tempo... Quando deixar o Sporting — abandono o futebol.

Estava feita a primeira entrevista de um jogador há dezesseis épocas em plena actividade.

Fernando Sá

2.ª DIVISAO DA A. F. L.

A 14ª JORNADA

ENGANARAM-SE os que julgaram conhecer no último domingo o novo campeão da II Divisão da A. F. L. A dúvida suscitada pelo Fósforos e Marvilense subsiste.

O mau tempo voltou a fazer das suas... E o programa da 14.ª e derradeira jornada da competição, comportando, como os anteriores, quatro desafios, ficou reduzido a dois. Praticamente, a jornada de domingo só trouxe uma alteração à ordem por que os clubes se encontravam. Referimo-nos à descida do Casa Pia, de antepenúltimo para penúltimo. E neste momento só três posições estão definidas: O Chelas não poderá ser senão 3.º; o Casa Pia, 7.º e o Olivais, 8.º.

A prova ficou concluída para o Chelas, Futebol Benfica, Casa Pia A. C. e Olivais. No momento em

que a jornada de domingo proporcionou dois resultados inesperados, pois os triunfos pertenceram aos clubes que pareciam incapazes de ganhar. Assim, o Olivais venceu o Casa Pia por 4-1 e o Futebol Benfica derrotou o Chelas por 5-0. Como se vê, os números não deixam margens para dúvidas.

A boa inspiração dos olivalenses no começo da partida, permitindo-lhes a obtenção de dois lentos até aos 20 minutos, deu-lhes alento para lutarem pela vitória. E porque o Casa Pia não tirou resultados práticos de sua reacção, a vitória dos «encarnados» dos Olivais acabou por tornar-se normal.

No jôgo de benfica, o meu es-

tado de terreno impediu os jogadores de produzirem trabalho digno de relevo. A vantagem de um «goal» com que os benfiquenses entraram para a segunda metade do desafio, aceitava-se sem custo, dada a maneira como as coisas decorreram — com equilíbrio. Na segunda parte, o Chelas cedeu um pouco e o F. Benfica foi até onde não se acreditava que chegasse.

Diamantino Dias

«STADIUM» progride!

«Stadium» melhora e progride! E' já no próximo dia 5 de Janeiro, o primeiro número do Ano Novo, que apresentamos uma sugestiva capa a cores e, como consequência, mais quatro páginas de texto e gravuras.

Para não prometer muito e fazermos pouco, diremos apenas que temos em mente várias iniciativas que sabemos ser do agrado dos nossos leitores.

Podemos, no entanto, referir como realizações certas: — separatas a cores dos *teams* que disputam o Campeonato Nacional da Primeira Divisão; — separatas a cores dos emblemas dos Clubes Desportivos; — publicação de várias obras que fazem parte da «Biblioteca da Stadium».

Condições de assinatura a começar em Janeiro de 1946

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

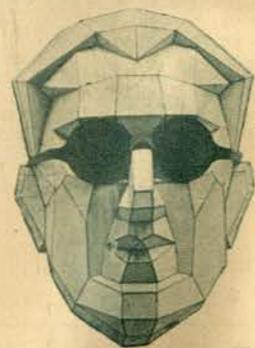
IMAGENS DOS JOGOS DE LISBOA



1 — O grupo do Oliveirense que jogou no Campo Grande, 2 — Ataque cerrado às rédes de Oliveira de Azeméis, 3 — Tôda a defesa do Boavista em acção, 4 — O «team» do Boavista que defrontou o Belenenses

ANDEBOL

Por baixo e à esquerda: Um aspecto do encontro C. U. F. — Os Treze; à direita: Benfica e Almada em luta



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1866
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefones 22222, LISBOA